

A REVISTA DE QUEM EDUCA

NOVA

escola



Os desafios dos anos finais do Ensino Fundamental

Conheça as dificuldades enfrentadas por professores e alunos e seis caminhos para melhorar essa fase.

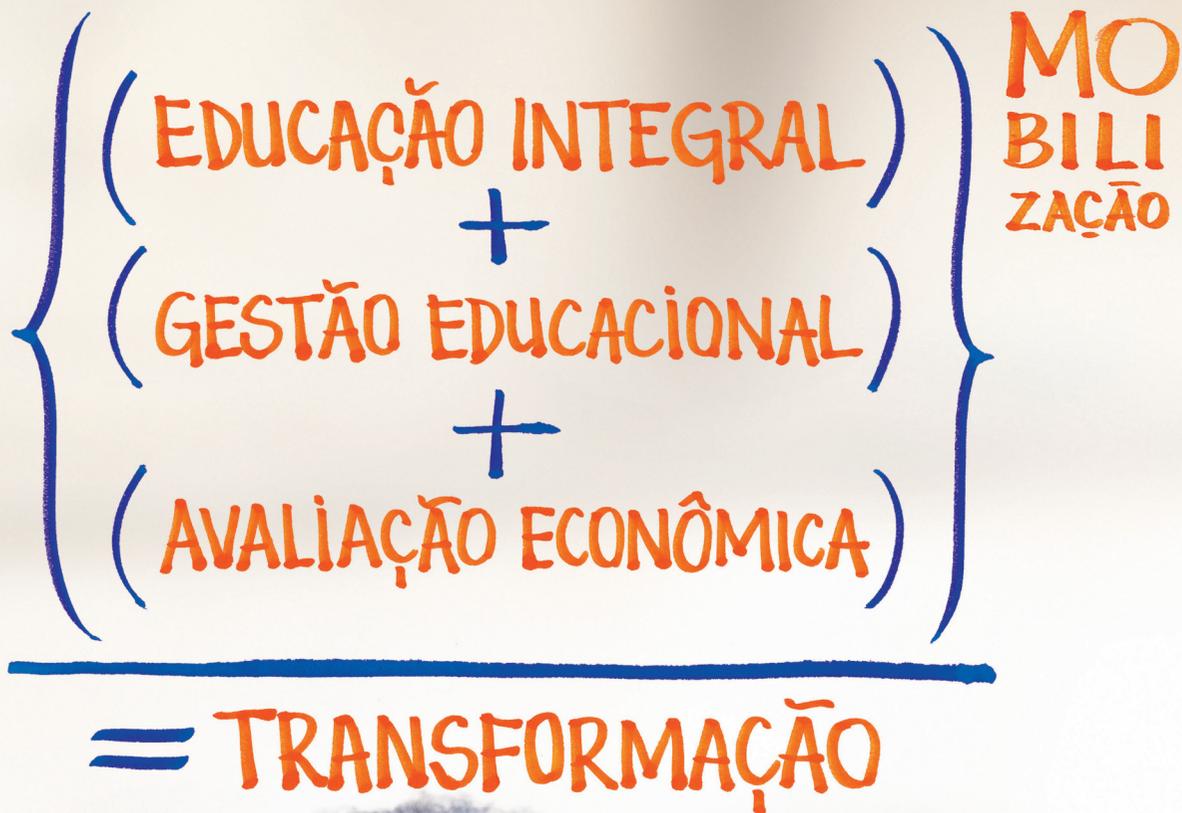
UMA PUBLICAÇÃO



**ESTUDOS E PESQUISAS
EDUCACIONAIS**

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 12 AGOSTO/2012





**Resumindo:
a educação é o caminho para
a transformação do Brasil.**

O Itaú acredita que a educação de qualidade é o caminho para o desenvolvimento sustentável do Brasil. Para isso, desenvolve parcerias com empresas, governos e comunidades na criação de projetos que possam contribuir para a melhoria da educação das nossas crianças, adolescentes e jovens. Porque, somente com o esforço de todos e a participação de cada um, poderemos transformar a nossa realidade. O mundo muda. E o Itaú muda com você.

Se você também acredita no poder transformador da educação, acesse www.fundacaoitausocial.org.br.

4 **Panorama**
Desafios de uma fase de ensino pouco explorada

8 **Alunos**
Meio crianças, meio adultos

10 **Depoimentos**
Com a palavra, os estudantes

12 **Docentes**
Profissionais distantes do público

14 **Depoimentos**
Com a palavra, os professores

16 **Alunos e docentes**
Percepções diversas sobre a escola

17 **Artigo**
Maria do Carmo Brant

18 **Recomendações**
Rumo à qualidade: seis soluções possíveis



GABRIEL LORA

Edição especial sobre a pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) *Anos Finais do Ensino Fundamental: Aproximando-se da Configuração Atual*, realizada pela Fundação Carlos Chagas (FCC) e concluída em julho de 2012. Coordenadoras: Claudia Leme Ferreira Davis, Gisela Lobo B. P. Tartuce, Marina Muniz Rossa Nunes e Patrícia Cristina Albieri de Almeida. Assistentes de pesquisa: Ana Paula Ferreira da Silva e Juliana Cedro de Souza. Auxiliar de pesquisa: Beatriz Souza Dias de Oliveira Costa.



ILUSTRAÇÃO DA CAPA GABRIEL LORA



Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)
Presidente: Roberto Civita
Diretora Executiva: Angela Dannemann
Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita,
Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Fábio Barbosa,
Maria Alice Setúbal, Cláudio de Moura Castro,
Jorge Gerdaui Johannpeter,
Manoel Amorim e Marcos Magalhães

EDIÇÃO ESPECIAL "DESAFIOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL"

Diretora de Redação: Maggi Krause
Redatora-chefe: Denise Pellegrini
Diretora de Arte: Manuela Novais
Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa
Editora-assistente: Elisa Meirelles
Designer: Alice Vasconcellos
Gerente de Projetos: Mauro Morellato
Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes
Processos Gráficos: Vitor Nogueira
Colaborou nesta edição: Rosângela Anzselotti (revisão)

Edição especial "Desafios dos Anos Finais do Ensino Fundamental"
é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita
(estudosepesquisas@fvc.org.br).

IMPRESSA NA INTERGRAF INDUSTRIA GRAFICA LTDA
Rua André Rosa Coppini, 90, Planalto, São Bernardo do Campo, SP, 09895-510

Apoiadores



{ Panorama }

A gente precisa vir para a escola, senão vai faltar aquele conteúdo e você vai ficar ignorante.

Aí, algum menino descobre que gosta de meninas, e sempre alguém começa a mexer com drogas

O CONHECIMENTO NÃO TEM VALOR PARA ESSES ALUNOS, É UM CLUBE! OS ALUNOS CHEGAM INFANTIS, INSEGuros, MEDROSOS,

O PROFESSOR PRECISA TER MAIS FLEXIBILIDADE

A grande maioria fica conversando.

EU ESTUDO MESMO! DOU O MELHOR DE MIM!

GABRIEL LORA

Desafios de uma fase de ensino pouco explorada

Pesquisa coloca luz sobre as particularidades dos anos finais do Ensino Fundamental, em que ocorrem inúmeras mudanças na rotina escolar e na vida dos alunos

ELISA MEIRELLES elisa.meirelles@fvc.org.br

Quando se buscam informações sobre as características da Educação Básica, é fácil encontrar um grande número de estudos sobre os primeiros anos do Ensino Fundamental, com ênfase no período de alfabetização. Educadores se debruçam sobre os pequenos que estão começando a vida escolar e buscam maneiras de garantir a eles uma aprendizagem significativa. Na outra ponta, são comuns também pesquisadores interessados em entender quem são e o que pensam os jovens que cursam o Ensino Médio, como eles se relacionam com o conhecimento e quais as expectativas que têm a respeito do futuro.

Pouco se fala, no entanto, sobre o segmento que liga esses dois extremos: os anos finais do Fundamental. Deixada de lado por grande parte dos estudiosos da área, essa fase enfrenta atualmente uma série de desafios na tentativa de encontrar uma identidade própria, capaz de dar conta de estudantes que estão deixando de ser crianças, mas ainda se encontram bem distantes da idade adulta.

Com foco nessa lacuna, foi lançada a pesquisa *Anos Finais do Ensino Fundamental: Aproximando-se da Configuração Atual*, da Fundação Victor Civita (FVC) em parceria com o Itaú BBA e a Fundação Itaú Social, realizada pela Fundação Carlos Chagas (FCC). Trata-se de um estudo exploratório com o objetivo de apresentar um panorama dessa fase e propor temas a serem aprofundados por outros pesquisadores. “A intenção foi apontar especificidades e desafios e, igualmente, subsidiar novos estudos sobre uma fase tão pouco investigada”, diz Marina Muniz Rossa Nunes, pesquisadora da FCC, uma das autoras do estudo e orientadora educacional do Colégio Santa Cruz, em São Paulo (*leia o relatório final da pesquisa em fvc.org.br/estudos-e-pesquisas*).

Organizado em três etapas, o trabalho começou com um levantamento sobre o que tem sido proposto como orientação pública para os anos finais do Ensino Fundamental e uma análise de dados nacionais e regionais sobre essa fase, de modo a deixar claro qual a dimensão

dela dentro da Educação Básica brasileira (*leia o panorama nas páginas 6 e 7*). Em seguida, foram reunidas referências sobre as transformações vividas por crianças e adolescentes de 11 a 14 anos.

Informações teóricas analisadas, era o momento de ir a campo. A equipe escolheu duas escolas em São Paulo e duas em Maceió e, nelas, realizou entrevistas com docentes e alunos que hoje cursam o 9º ano, perguntando como avaliam o segmento que estão concluindo (*leia os depoimentos ao longo desta edição*).

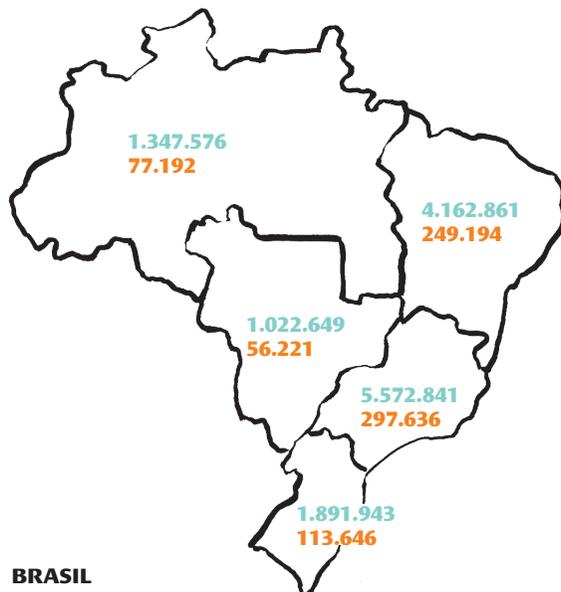
Para terminar, um relatório preliminar do estudo foi apresentado a um grupo de especialistas que analisou o material e trouxe contribuições para aprimorá-lo. “Pesquisas como essa são importantes por trazer informações para ajudar a melhorar a formação de professores”, comenta Rosana Louro Ferreira Silva, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), docente da Universidade Federal do ABC e uma das participantes do encontro (*leia os nomes de todos os presentes na página 19*).

Em números

Entenda quem são os alunos e os professores que fazem parte dessa fase do Fundamental

DISTRIBUIÇÃO

Número de estudantes e docentes dos anos finais do Ensino Fundamental, dividido por região.



BRASIL

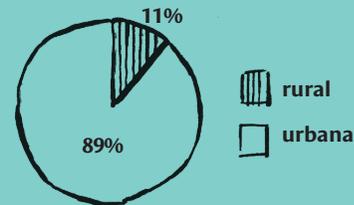
ALUNOS 13.997.870
PROFESSORES 793.889

FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

Alunos

LOCALIZAÇÃO

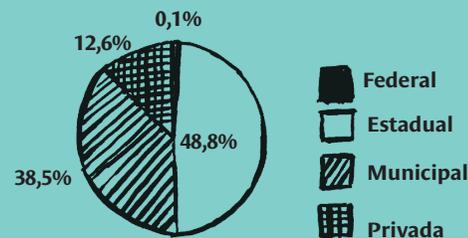
Maioria estuda na zona urbana



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

DIVISÃO POR REDE

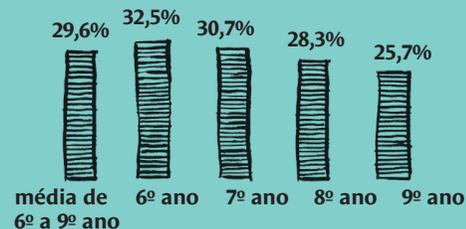
Estadual ainda é a que mais atende a esse segmento



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

ATRASSO ESCOLAR

Distorção idade-série é um problema



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2010

Para começar, um pequeno histórico desse segmento

Entender os desafios do 6º ao 9º ano pressupõe conhecer os caminhos trilhados para chegarmos à configuração atual. Até 1970, o ensino obrigatório restringia-se às quatro séries iniciais da escolaridade, que compunham o chamado primário. Para dar continuidade aos estudos, o aluno tinha de ser submetido a um exame de admissão para o ginásio. A avaliação funcionava como uma peneira capaz

de reduzir drasticamente o número de estudantes no sistema, mantendo apenas aqueles com condições sociais e econômicas mais favorecidas. “Os professores traziam consigo a ideia de que iam trabalhar com alunos que já estavam prontos para estudar”, explica Bernardete Gatti, pesquisadora-colaboradora da FCC e consultora técnica da FVC.

O cenário começou a mudar a partir de 1971, com a ampliação da escolaridade obrigatória para alunos de 7 a 14 anos,

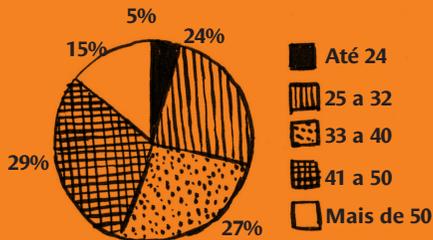
o fim dos exames de admissão e o aumento das vagas na rede pública.

Nesse período, o primário e o ginásio foram agrupados em um mesmo nível de ensino denominado primeiro grau. Isso, no entanto, não foi acompanhado por uma reorganização da escola, de modo a articular melhor anos iniciais e finais. “Essa ausência de continuidade retrata-se, nos anos 1980 e 1990, na reprovação e na evasão generalizadas entre a 4ª e a 5ª série”, relembra o estudo.

Professores

IDADE

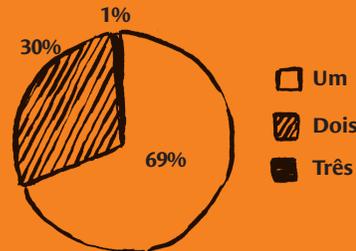
Fase tem docentes de diferentes faixas etárias



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

HORÁRIO

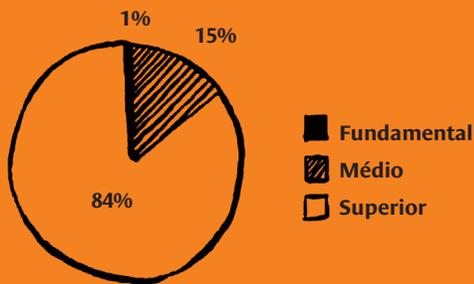
Maioria trabalha em um turno



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

FORMAÇÃO

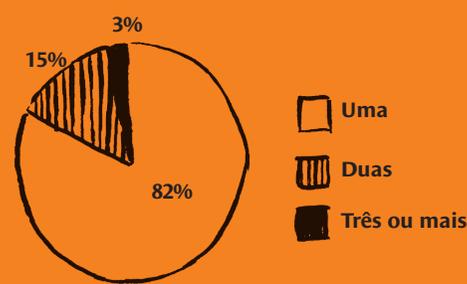
A maior parte deles tem curso superior completo



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

ESCOLAS

Em geral, eles atuam em apenas uma instituição



FONTE MEC - CENSO ESCOLAR 2011

GABRIEL LORA

Muitos anos se passaram, houve avanços importantes, como a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, mas os problemas de descontinuidade e de fracasso escolar não foram resolvidos.

Questões imprescindíveis que continuam sem solução

O que se vê ainda hoje é uma ruptura considerável na rotina escolar dos anos iniciais para os anos finais e muita inde-

finição sobre como organizar essa fase. Embora haja políticas públicas federais, estaduais e municipais voltadas à Educação Básica, não há uma preocupação específica com o período do 6º ao 9º ano. Os anos finais “continuam esquecidos, comprimidos entre a primeira fase do Fundamental e o Médio”, diz o estudo.

A articulação entre as fases da Educação é garantida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB), propostas pelo Conselho Na-

cional de Educação (CNE) em 2010 com o objetivo de assegurar a continuidade dos processos de aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e moral dos alunos. Apesar disso, a integração ainda é um ponto vulnerável. Existem, é claro, iniciativas regionais de destaque, mas o país ainda carece de uma orientação geral. Entenda, nas próximas páginas, quais aspectos característicos dos anos finais devem ser incorporados ao debate.



DE REPENTE
PASSAM A SER
VÁRIOS PROFES-
SORES, UM SAINDO
E OUTRO ENTRANDO
EU ESTUDO MES-
MO, DOU O ME-
LHOR DE MIM!
QUERO SER
ALGUÉM NA
VIDA!

*Foi meio
chocante, porque mu-
da completamente,
demora até ... e sempre
você se alguém começa
acostumar a mexer com
drogas.*

**Agente pre-
cisa vir para
a escola,** *senão vai faltar
aquele conteúdo e
você vai ficar ignorante*

Meio crianças, meio adultos

As enormes mudanças vividas por esses meninos e meninas entram em classe com eles. Entenda o turbilhão pelo qual a turma passa

TATIANA PINHEIRO novaescola@fvc.org.br

É comum a adolescência ser vista apenas como uma transição entre a infância e a vida adulta. Segundo a pesquisa, porém, considerar esse período somente como uma ponte entre o mundo infantil e a maioridade é limitante e pode induzir os docentes a enfatizar somente os aspectos negativos de seus alunos. O melhor caminho é encará-lo como uma fase com significado próprio, importante para a construção da identidade do jovem.

Um aspecto primordial na relação entre professor e aluno adolescente é o respeito ao ritmo de amadurecimento de cada um. O corpo e a forma de ver o mundo, os outros e a si próprio se modificam sem respeitar uma sequência lógica ou linear (*leia nas páginas 10 e 11 de apontamentos analisados por especialistas*). Cabe ao educador entender que a turma enfrenta um frenesi de sentimentos e que isso tem impacto em seu comportamento. Para facilitar a compreensão de quem é esse estudante, a pesquisa indicou os quatro pontos a seguir.

■ CORPO EM EBULIÇÃO

Na puberdade, que começa por volta dos 10 anos, o organismo de meninos e meninas começa a mudar sensivelmente. Em termos técnicos, é quando ocorre a maturação que permitirá a reprodução sexual. Os pelos surgem, os seios crescem, a voz muda, o desejo pelo outro aparece. Diante de um corpo diferente, o aluno pode sentir-se perdido e desconfortável.

■ MENTE A TODO VAPOR

Se antes, quando criança, a vida era uma sequência de ações seguidas de reações, visualizadas de forma concreta no dia a dia, agora, o que manda é o pensamento abstrato. O adolescente se torna capaz de raciocinar de forma mais elaborada, sem se limitar ao real. Divaga por possibilidades e, às vezes, se fecha em si mesmo para chegar a conclusões. Passa também a pensar de forma multidimensional, sendo capaz de interpretar um fato com base em vários pontos de vista. É por isso que desconfia de afirmações categóricas e não acredita em verdades absolutas.

■ EMOÇÕES DE TODO O TIPO

É o momento também de o estudante formar parte importante de sua identidade. Com a capacidade mais sofisticada de pensar, elabora e reelabora a percepção de quem ele é e do que é capaz. Não por acaso, se permite vivenciar inúmeros papéis e experimenta toda a sorte de situações – de onde vem a noção de que esse período é perigoso. Surgem os alertas quanto às drogas e às doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo.

■ MEUS AMIGOS, MINHA VIDA

A garotada dessa fase conversa, gesticula, se empurra, fala alto e brinca de todo o jeito para aproveitar ao máximo o tempo entre amigos. Estar com os pares adquire muita importância, mais do que o convívio com adultos. Os grupos deixam de ser só de meninos ou só de meninas, surgem as tribos, e o namoro ou o “ficar” assume papel de destaque nas relações. Neste contexto, a escola figura como um ponto de encontro, um lugar de aprender e de conhecer pessoas.

Com a palavra, os estudantes

*Especialistas analisam as falas dos jovens coletadas pela pesquisa e mostram aos professores como lidar com aspectos característicos dessa faixa etária**

TATIANA PINHEIRO novascola@fvc.org.br Colaborou ELISA MEIRELLES

"A passagem do 5º para o 6º ano é difícil, porque você cria muitas responsabilidades, seus pais põem muitas expectativas em você. É sufocante!"

ALUNO

NOVAS RESPONSABILIDADES

"A dinâmica dos anos finais do Ensino Fundamental é muito diferente da dos ciclos anteriores. Faz-se necessário que o estudante se organize com diferentes cadernos e conteúdos e considere a maneira particular de cada professor dar aula. Isso precisa ser ensinado pela escola e reforçado pela família. Cabe a ela fomentar a autonomia dos filhos na organização dos estudos em casa."

Lucas Monteiro de Oliveira, professor da Escola Santi, em São Paulo

"Na adolescência, mudamos bastante. Opção sexual, estilo que vamos querer. Algum menino descobre que gosta de meninos, outro começa a usar drogas."

ALUNA

TRANSFORMAÇÕES NA VIDA

"Não é simples crescer na nossa cultura. A adolescência é um fenômeno cujo desenvolvimento depende do ambiente econômico, social e cultural no qual o adolescente se constitui. A escola pode contribuir com a formação desses alunos ao trabalhar interdisciplinarmente os temas transversais da Educação (ética, meio ambiente, orientação sexual, saúde e pluralidade cultural) e ao tentar conhecer melhor as características dessa fase".
Catarina Iavelberg, especialista em Psicologia da Educação

"O QUE EU MAIS GOSTO EM ALGUNS PROFESSORES É O MODO DE ENSINO DELES: PRÁTICO E FÁCIL DE APRENDER. OS OUTROS SÃO MEIO COMPLICADOS."

ALUNA

RELAÇÃO COM O CONHECIMENTO

"Há uma valorização, por parte da aluna, de professores que sabem ensinar. O que a garota elogia, com razão, é o compromisso do docente em fazer com que todos compreendam o conteúdo ensinado. Depois que o adolescente entende, tudo parece simples e fácil." *Regina Scarpa, coordenadora pedagógica da Fundação Victor Civita (FVC)*

"O QUE AJUDA A PASSAGEM DO 5º PARA O 6º ANO É UM GRANDE NÚMERO DE AMIGOS NA MESMA SALA. É BOM FAZER NOVOS AMIGOS, MAS É MAIS FÁCIL QUANDO VOCÊ JÁ TEM ALGUNS."

ALUNO

REALMENTE, OS PROFESSORES PARARAM DE TRATAR A GENTE COMO CRIANÇA. EU GOSTAVA DO 5º ANO: ERA TUDO BEM MAIS FÁCIL!"

ALUNO

PARTICULARIDADES DA IDADE

"A reclamação revela uma necessidade de que os professores entendam a etapa de vida em que ele está. Em geral, eles não conhecem os estudantes para os quais lecionam. Um planejamento conjunto de atividades e estudos coletivos sobre questões pertinentes aos anos finais do Ensino Fundamental auxilia a compreender como a criança raciocina e quais são seus interesses." *Orly Zucatto de Assis, professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)*

IMPORTÂNCIA DA TURMA

"Esta é a mais marcante das constatações que a Psicologia Moral tem feito: a necessidade da relação entre pares. Infelizmente, muitos docentes veem a amizade entre os alunos como algo prejudicial ao aprendizado. É preciso entender que o conhecimento só se constrói na interação entre as pessoas."

Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP)

* OS NOMES DOS ENTREVISTADOS PARA A PESQUISA FORAM MANTIDOS EM SIGILO PARA PRESERVAR SUA IDENTIDADE.

Não tenho tempo de conversar com outros professores. Não estamos nos comunicando. E se estamos nos afetando que isso

OS ALUNOS CHEGAM INFANTIS, INSEGUROS, MEDROSOS E' MUITO DESINTERESSE. MUITA BRINCADEIRA, MUITO DESRESPEITO

O CONHECIMENTO NÃO TEM VALOR PARA ESSES

E' PRECISO REVER O CONTEUDO PROGRAMÁTICO,

professor precisa ter mais flexibilidade.

GABRIEL LORA



Profissionais distantes do público

Os docentes são os mesmos do Ensino Médio, mas os alunos são bem diferentes. Saiba como isso impacta a sala de aula

TATIANA PINHEIRO novaescola@fvc.org.br

Para dar aulas do 6º ao 9º ano, o professor precisa ter licenciatura plena em uma das disciplinas do currículo, como Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia. Com essa mesma formação específica, ele também pode lecionar para turmas do Ensino Médio. O problema é que os estudantes dessas duas fases escolares são bastante diferentes e, muitas vezes, o educador não se dá conta disso.

Declarações dos professores entrevistados para a pesquisa denotam que muitos se decepcionam com os jovens de 11 a 14 anos (*leia nas páginas 14 e 15 depoimentos analisados por especialistas*). Para eles, os alunos não conseguem se comportar com o mínimo de maturidade, não demonstram interesse pela aquisição de conhecimento e, muito menos, valorizam a figura do professor.

Formação em xeque

Parte dessa percepção negativa ocorre porque a formação desses especialistas se atém mais aos conteúdos de suas discipli-

nas do que às questões pedagógicas e às particularidades dos estudantes mais novos, que ainda estão no início da adolescência. As discussões nos cursos de graduação passam ao largo das questões práticas que afetam meninos e meninas nesse período escolar – como ter cadernos distintos para cada disciplina, entregar lições e trabalhos com periodicidades irregulares, iniciar o uso da agenda, organizar o tempo de estudo em casa de forma autônoma, etc.

Aspectos da capacidade de compreensão dos alunos também não são objeto de reflexão na formação inicial. “Esses jovens não estão prontos para aprender como os educadores gostariam”, explica a consultora Bernardete Gatti. Essa garotada precisa de ajuda para dominar o pensamento abstrato e a linguagem própria dos novos conteúdos.

Muitas vezes, os professores também caem na armadilha de seguir, estritamente, o planejamento de aulas, passando pelos conteúdos estipulados sem estabelecer conexões com o que os estudantes

já sabem – ou deveriam saber – e sem considerar os conhecimentos não adquiridos por eles nos anos anteriores.

Alguns caminhos a seguir

Se, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os alunos nutrem um carinho quase incondicional por seus docentes, isso se torna raro daí em diante. O que funciona com essa moçada é um professor “admirado por sua forma de ensinar, pelo compromisso que demonstra ter com os alunos, pelo cuidado em apresentar uma aula coerente e organizada, e pela correção cuidadosa e respeitosa que faz dos trabalhos solicitados”, diz o estudo.

Nesse sentido, formações continuadas podem ser proveitosas, desde que explorem as características próprias desta faixa etária e trabalhem formas eficientes de atribuir significado ao conhecimento e à escola. Mas de nada vale isso se os docentes não construírem uma visão positiva de seus estudantes. Confiar neles e se preocupar com o futuro deles faz parte do processo de ensino e aprendizagem.

Com a palavra, os professores

As declarações de quem está à frente da sala de aula são um bom reflexo dos desafios enfrentados. Veja as opiniões de especialistas

TATIANA PINHEIRO novascola@fvc.org.br Colaborou ELISA MEIRELLES

"EU ACREDITO QUE O DESAFIO É REAPRENDER A DAR AULA PARA ESSA ADOLESCÊNCIA, PORQUE NÃO É FÁCIL."

PROFESSORA DE GEOGRAFIA

REORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA

"Há inúmeras experiências que mostram ser possível, sim, criar um ambiente de aprendizagem mais significativo, cooperativo e respeitoso. Mas, para isso, é necessário o engajamento da escola toda, desde o gestor até os funcionários que não atuam diretamente em sala de aula e, claro, os docentes."
Adriana Ramos, coordenadora do curso de pós-graduação sobre relações interpessoais da Universidade de Franca (Unifran)

"Há uma apatia grande. Muitos dos alunos que antes participavam das aulas passam a dar mais trabalho para fazer as atividades."

PROFESSORA DE CIÊNCIAS

FORMAS DE MOTIVAÇÃO

"Meninos e meninas que passam para os anos finais do Fundamental precisam ser vistos como agentes do próprio conhecimento. É assim que se sentem com relação a sua vida escolar neste momento: já podem tudo porque são grandes. Então, por que não aproveitamos para organizar projetos de pesquisa em grupos, sobre temas e com ações que sejam pensadas por eles e não por nós?"
Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP)

“O ESTUDANTE NÃO
VALORIZA A FIGURA
DO PROFESSOR.
EU CREIO QUE NOSSA
PROFISSÃO ESTÁ
MUITO SUBJUGADA.”

PROFESSORA DE GEOGRAFIA

RECONHECIMENTO

“Não é possível generalizar a relação entre docentes e alunos. Em muitos casos, é o próprio professor quem se sente desvalorizado e aceita essa imagem. Vale pensar, então, qual é a visão que ele tem de si mesmo. Os profissionais que dão importância ao seu trabalho se posicionam de maneira diferente em classe e mostram que sabem ensinar. Com isso, costumam conquistar a moçada.”
Débora Rana, professora e formadora do Instituto Avisa Lá, em São Paulo.

“Os acadêmicos não saem dos seus gabinetes. Nós conhecemos os alunos, mas não sabemos o que fazer. Precisamos de ajuda sobre como tornar essa escola atrativa.”

PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA

APOIO E ORIENTAÇÃO

“O depoimento é uma prova de que a universidade está muito distante da escola. Enquanto as pesquisas acadêmicas não se dedicarem de verdade às questões didáticas, pouco poderão contribuir com o professor no dia a dia de sala de aula. Há que se aproximar a academia das redes de ensino e dos problemas que são vivenciados por professores e alunos.”
Priscila Monteiro, consultora pedagógica da FVC.

“Nós estamos engessados!
Temos apenas aqueles
20 minutinhos de inter-
valo para falar com o
colega e perguntar o
que ele está ensinando.
É sempre corrido!”

PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA

TEMPO PARA A FORMAÇÃO

“O professor precisa de espaço para analisar a sua prática. Na escola, ele acaba ficando preso ao ‘fazer’ e não tem esse tempo. A profissão exige reuniões com os colegas, em que se pensa em conjunto e imagina bons caminhos para resolver os problemas. É preciso dar atenção à formação docente na escola.”
Ana Flávia Alonço Castanho, assessora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e formadora de professores em leitura.

Percepções diversas sobre a escola

O ponto de vista de quem ensina e de quem aprende tem de ser levado em conta se queremos elevar a qualidade da Educação

TATIANA PINHEIRO novaescola@fvc.org.br

Ao se observar as declarações de docentes e alunos apresentadas neste especial, constata-se que esses agentes têm discursos ora próximos ora distantes sobre temas ligados ao universo escolar e às especificidades do período focado pela pesquisa da FVC.

Foi comum ver, de um lado, educadores se queixando de que os estudantes não têm interesse pelo que é ensinado e, muito menos, se importam com o saber. “Eles valorizam mais o conhecimento da TV do que o da escola. Esta vem como algo para matar o tempo”, diz uma professora de Língua Portuguesa de São Paulo. Enquanto isso, alunos reclamam da forma apressada de ensinar, em que o conteúdo de lousas e mais lousas deve ser copiado, e – contrariando seus mestres – afirmam que sem a escola não seriam ninguém. “Se você não tem estudo, você não faz parte da sociedade! É como se você não fosse ninguém”, afirma um dos alunos entrevistados.

Se, às vezes, os pontos de vista se distanciam, há momentos em que se aproximam na identificação de problemas

comuns. Muitos docentes admitiram perceber dificuldades na adaptação dos alunos à rotina do 6º ano. Em coro com seus estudantes, verbalizaram que é mesmo um choque ter de lidar, de uma hora para outra, com vários professores, cadernos diferentes, diversas formas de ensinar e vários níveis de exigência.

Em conjunto, também, eles comentaram o afastamento entre a escola e os interesses da turma, enfatizando que algo tem de mudar. “É preciso inovar na gestão do tempo, na forma de agrupamento dos estudantes, na circulação deles nos espaços dentro e fora da escola, na definição dos conteúdos, no uso de tecnologias e na formação docente”, comenta Catarina Iavelberg, especialista em Psicologia da Educação, com base nos depoimentos reunidos na pesquisa.

Levar em conta os pontos de contato e de distanciamento na fala desses que são os principais atores do processo de ensino e de aprendizagem dá pistas do que precisa ser revisto e aperfeiçoado. Só assim, todos encontrarão o significado pleno de suas atividades.



GABRIEL LORA



MONTAGEM SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



O que mais sabemos sobre nossos alunos?

MARIA DO CARMO BRANT

Doutora em Serviço Social, pesquisadora e consultora, foi superintendente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)

Além de compreender as mudanças pelas quais os adolescentes passam, é necessário observar como se relacionam com o mundo em que vivem

Trago aqui uma pequena reflexão sobre a pesquisa da FVC. O relatório mostra que os alunos desta fase são pré-adolescentes de 11 e 12 anos e adolescentes de 13 e 14, que vivem em um particular ciclo da vida: já não são crianças e nem tampouco jovens. Mas o que mais sabemos sobre eles?

Além de estarem passando pelas mudanças da puberdade, esses alunos navegam na complexidade da sociedade contemporânea. São nativos da era digital e informacional; apresentam outra racionalidade cognitiva na qual o aprender se faz descentrado e difuso. São capazes de acessar um conjunto simultâneo de informações e conhecimentos espalhados em vários espaços que não mais apenas a escola. Transitam por meios e circuitos virtuais e navegam por links e hiperlinks nada sequenciais e lineares.

Contraditoriamente, no entanto, não agarram as informações e saberes que acessam. Carecem da mediação que a escola nem sempre realiza. Sentem-se abandonados e inseguros para lidar com o excesso cultural e com informações instantâneas mundiais e locais que lhes chegam isoladas, vulneráveis e fora de ordem. Vivem mergulhados no presente.

Querem aprendizagens ágeis e vivenciadas, e não se adaptam à escola.

Os adolescentes querem um saber fazer, não apenas um saber. Querem oportunidades alargadas de sociabilidade, que praticamente não possuem – apesar de serem algo essencial nesse período de construção de identidade. Desgarraram-se das saias da mãe ou da “tia”. A preferência agora são os pares, o grupo de amigos que escolhem para responder a suas necessidades de comunicação, autonomia, trocas afetivas e de identidade.

As resistências em relação à escola começam com a enorme dificuldade de serem reconhecidos na busca de sociabilidade. A paixão pela relação os torna inquietos, dispersos e afastados dos conteúdos. Rotinas, regras e recortes escolares acabam por cercear a socialização.

Há uma visível incivilidade no trato das relações e dos espaços institucionais de convivência. Essa incivilidade tornou-se uma prática banalizada no interior das escolas – até porque vivemos numa sociedade cunhada por interesses individuais, em que não se sabe mais desenvolver valores ligados ao bem comum.

A prática do zoar marca as relações entre os adolescentes, sobretudo quando

se veem diante de situações que fogem ao controle, e é aceita e valorizada entre os pares. A atitude é mais um ato de irreverência e de afirmação no jogo das relações do que propriamente bagunça, mas é um dos pesadelos dos professores – interpretada como indisciplina. Perde-se então o respeito mútuo.

A mesmice da escola desmotiva seus alunos adolescentes. Há um claro conflito entre as promessas postergadas para o futuro e a urgência em obter respostas para o presente. Querem saber viver e mover-se com maior segurança frente às demandas que os cercam. Querem aprendizagens convertidas em competências no seu uso imediato. Em outras palavras, precisam de conhecimentos úteis e contextualizados que lhes possibilitem ligar e religar fatos e significados, realizar mediações, expressar, argumentar, pesquisar, construir nexos de compreensão do mundo e de si.

Equalizar esses aspectos e rever a maneira como os anos finais do Ensino Fundamental estão organizados são um grande desafio. O que está claro, no entanto, é que não se pode mais ignorar quem são e o que pensam esses meninos e meninas que passam pela escola.

Rumo à qualidade: seis possíveis soluções

Com base nas questões levantadas pela pesquisa e nas contribuições de especialistas, a FVC aponta caminhos para aprimorar essa fase de ensino

MARIA REHDER novascola@fvc.org.br

A pesquisa realizada pela FCC trouxe questionamentos importantes sobre os desafios dos anos finais do Ensino Fundamental. Com base nas constatações apresentadas e nas contribuições dos especialistas que estiveram no painel sobre o estudo (*leia a lista dos participantes na página à direita*), a FVC propõe alguns meios para garantir a qualidade do ensino.

Para começar, é preciso articular de forma mais efetiva as fases da Educação e os docentes que nelas atuam. Igualmente importante é garantir uma base curricular nacional, além de desmitificar a imagem negativa do aluno, conhecendo a fundo as particularidades dele para melhor ensiná-lo. Para tanto, a formação docente é um ponto básico.

O cumprimento dessas medidas pressupõe a união de esforços por um maior investimento – que deve ser empregado para equipar escolas, oferecer uma formação inicial e continuada sólida aos professores e salários dignos, entre outros itens. Por fim, há que se repensar o pacto federativo.

1

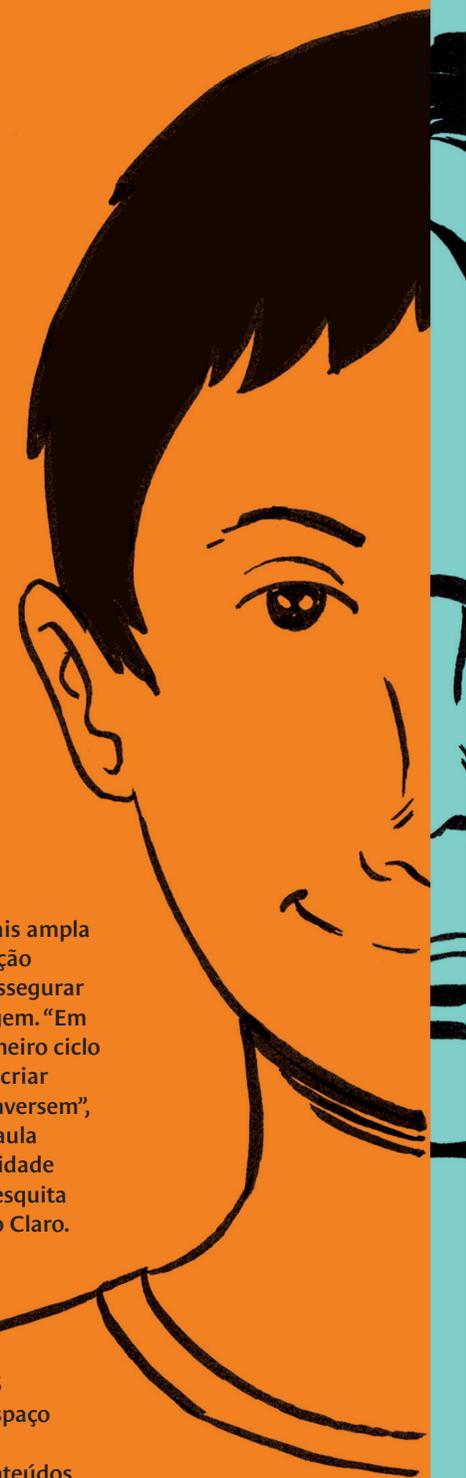
ARTICULAR MELHOR AS FASES DA EDUCAÇÃO

Promover uma integração mais ampla entre os segmentos da Educação Básica é indispensável para assegurar a continuidade na aprendizagem. “Em muitas cidades, apenas o primeiro ciclo foi municipalizado. Temos de criar espaços para que as redes conversem”, avalia Joyce Mary Adam de Paula e Silva, professora da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de Rio Claro.

2

PROMOVER O DIÁLOGO ENTRE OS PROFESSORES

Os docentes necessitam de espaço para discutir o planejamento em conjunto, enfatizando conteúdos e habilidades que serão trabalhados. Esses encontros devem ser previstos pela coordenação pedagógica. “É necessário criar condições para que os professores atuem de forma integrada, sem esquecer as especificidades das disciplinas”, diz a diretora do Colégio Equipe, em São Paulo, Luciana Favorini.





Participaram do painel sobre a pesquisa Angela Dannemann e Regina Scarpa, da FVC; Bernardete Gatti e Gisela Tartuza, da FCC; Ana Lucia Lima, do Instituto Paulo Montenegro; Ângelo Ricardo de Souza, da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Maria Amabile Mansutti, do Cenpec; Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva, especialista em Gestão de Sistemas Educacionais; Mozart Neves Ramos, do movimento Todos Pela Educação; Paulo Alves da Silva, do Ministério da Educação (MEC); Rosana Louro Ferreira Silva, da Universidade Federal do ABC; e Rosângela Valim, da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

3

ORGANIZAR UMA BASE CURRICULAR NACIONAL

O país tem de delimitar os objetivos a serem alcançados em nível nacional e ajudar as redes a repensar os currículos e a maneira como as aulas são planejadas. “Muitos dos recortes de conteúdo feitos em classe pertencem a outra concepção de ensino. É preciso coragem para mudar”, afirma Leandro Karnal, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

4

REPENSAR A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Formar melhor o especialista significa, entre outras coisas, dar ferramentas para que ele conheça as peculiaridades da adolescência. Para Karnal, “esse docente está situado em uma fronteira, entre o profissional mais técnico do Ensino Médio e o que atua como orientador, das séries iniciais”. A formação deve considerar essa duplicidade de papéis.

5

ENTENDER QUEM É E O QUE PENSA O ADOLESCENTE

É urgente desenvolver uma visão do estudante pautada nas necessidades específicas da faixa etária. Existe uma imagem negativa dele, construída pelos professores, e que deve ser deixada de lado. “O aluno real já está em nossa escola, buscando autoafirmação. O docente deve ser formado para dialogar com ele”, defende Joyce.

6

LEVAR EM CONTA NAS AULAS AS ESPECIFICIDADES DA FASE

Por fim, há que se trazer esse conhecimento sobre o aluno para a escola e aproveitá-lo em prol da aprendizagem. Lucas Monteiro, professor da Escola Santi, em São Paulo, ressalta a importância de um currículo que permita ao educador se apropriar dos interesses da turma e envolvê-la na produção do saber. “O conhecimento em qualquer área requer uma discussão coletiva”, afirma.



AFRICA

PARA O ITAÚ BBA, AS NOTAS QUE MAIS INTERESSAM SÃO AS NOTAS 10.

Acreditamos que somente com educação de qualidade para todos é possível construir um país mais justo e formar futuros líderes.

Saiba mais sobre os projetos sociais que apoiamos.

www.itaubba.com



À frente. Por escolha.

Ilustração: **Joyce Hesselberth.**
Artista premiada pela Society of Illustrators.

